



UFOP

Universidade Federal
Ouro Preto

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

TÍTULO:

Usos do passado e divulgação histórica: história e jornalismo na produção
de *Aventuras na História (2010-2013)*.

ORIENTADOR: MARCELO SANTOS ABREU

ORIENTANDO (A): LORRAINE MARILYN LEONEL

MARIANA

2014



UFOP

Universidade Federal
Ouro Preto

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

TÍTULO:

Usos do passado e divulgação histórica: história e jornalismo na produção de *Aventuras na História* (2010-2013).

Lorraine Marilyn Leonel

Orientador: Marcelo Santos Abreu

Monografia do componente curricular TCC2 da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) apresentado ao orientador no curso de História.

Mariana

2014

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo pensar a “curiosidade” pelos temas históricos e quais as relações com os dias atuais e com a dimensão do imaginário social acerca de alguns assuntos a partir da análise das publicações da revista *Aventuras na História*. O recorte a ser utilizado compreende o período de 2010 a 2013 e nesse sentido a intenção é mostrar como a história ainda exerce fascínio. A análise se pautou na forma da escrita, na produção, na linha editorial, na utilização das imagens e, sobretudo, nos profissionais que colaboram para a revista. Trata-se de pensar o debate a cerca da produção da história por historiadores e por jornalistas.

Abstract

The present work is aimed at reflecting the "curiosity" by historical themes and what relations with the present day and the size of the social imaginary about some subjects from the analysis of the publications of *Adventures in Story* magazine. The cut being used covers the period from 2010 to 2013 and in that sense the intention is to show how history still exerts fascination. The analysis was based on the form of the writing, production, editorial, the use of images and especially the professionals who work for the magazine. It is thought the debate about the production of history by historians and journalists.

Palavras-chave

Temas históricos, Revista, Comemoração, Brasil, Memória, Indústria cultural.

Key words

Historical themes, Magazine, Celebration, Brazil, Memory, Cultural industry.

Sumário

Introdução, 6

Um aspecto geral na *Aventuras na História*, 7

A História Geral na *Aventuras na História*, 23

A História do Brasil em *Aventuras na História*, como a história do país é retratada, 28

Considerações finais, 36

Bibliografia, 38

Agradecimentos

“Digo, o real não está na saída nem na chegada,
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.
Guimarães Rosa.

“É o tempo da travessia: e, se não ousamos fazê-la,
teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos”.
Fernando Pessoa.

A caminhada foi longa, repleta de alegrias, encontros e dificuldades. Para começar agradeço a Deus que me deu forças para seguir o caminho e por ter colocado em minha vida pessoas tão maravilhosas. Agradeço enormemente é UFOP por ter me proporcionado um espaço de conhecimento e diálogo, dando a possibilidade de novos olhares, novas relações com o mundo. A todos os profissionais que fizeram parte desse caminho, em especial aos professores que fizeram a diferença para minha formação não só profissional, mas também pessoal: meu orientador, Marcelo Abreu que com paciência digna de um mestre atento e dedicado me auxiliou nessa produção. As conversas foram sempre muito enriquecedoras e estimulantes. Aprendi muito contigo. Muito obrigada! Gostaria também de lembrar os nomes: Mateus Pereira, Sérgio da Mata, Luiz Estevam, Álvaro Antunes, José Arnaldo (onde estiver) e Celso Taveira. Jamais esquecerei os ensinamentos que ultrapassaram os limites acadêmicos, trazendo para a vida valores como ética, profissionalismo, alegria em fazer o que se ama, se tornando assim, verdadeiros mestres para mim. Não poderia deixar de lembrar também de todos aqueles que fizeram parte do 09.2, turma que com toda certeza fez a diferença. De forma especial agradeço a Amanda Queiroz, Nívea Guimarães e Pollianna Gerçossimo que de companheiras se tornaram amigas. Recordo das companheiras da

comissão de formatura que fizeram com que o sonho de uma comemoração se realizasse e coroasse aquele momento tão importante.

Contudo, para que eu pudesse conhecer todas essas pessoas tão importantes foi necessário iniciar a caminhada com a família. Agradeço imensamente á minha mãe, Zulema que sempre me motivou a buscar minha formação e jamais desistir, e sempre acreditou em meus sonhos. Ao meu pai, Eder que sempre esteve do meu lado com amor e dedicação. Agradeço à minha irmã Giovanna pelas alegrias e pelos momentos de estudo compartilhado e debates sempre muito instigantes. Agradeço aos meus familiares que de alguma forma estiveram presentes e torceram por mim. Agradeço também a Mayra Marques, amiga de infância que se tornou companheira de profissão. E não poderia deixar de agradecer também ao meu namorado Jordan, que compreendeu os momentos de ausência e sempre me motivou a buscar minhas realizações.

Assim, essas pessoas, proporcionaram momentos inesquecíveis no ICHS e também no dia a dia. Agradeço a todos aqueles que me deram oportunidade de mostrar minha competência no trabalho. Tive a sorte de contar com padrões muito atenciosos e motivadores, que mesmo não tendo envolvimento com minha área de estudo, incentivaram e entenderam as necessidades de uma estudante. Todas essas pessoas fizeram e fazem parte de minha vida! E essa é apenas mais uma etapa da caminhada, que desejo que seja longa e produtiva.

Introdução.

O presente trabalho tem por objetivo pensar a “curiosidade” pelos temas históricos e quais as relações com os dias atuais e com a dimensão do imaginário social acerca de alguns assuntos a partir da análise das publicações da revista *Aventuras na História*. O recorte a ser utilizado compreende o período de 2010 a 2013 e nesse sentido a intenção é mostrar como a história ainda exerce fascínio. A análise se pautou na forma da escrita, na produção, na linha editorial, na utilização das imagens e, sobretudo, nos profissionais que colaboram para a revista.

O interesse pelos temas históricos, principalmente na última década, pode ser pensado como uma curiosidade ou como uma busca pelas origens de nossa organização e de nossa condição de vida atual. Alguns temas são mais recorrentes no sentido do despertar de interesse, como histórias íntimas e grandes intrigas. Acontecimentos de grande expressão e seus lados obscuros, personagens esquecidos e outros eternamente lembrados. Todo e qualquer momento pode ser lembrado e desvendado como uma reportagem dos dias de hoje. Também é comum a utilização de termos atuais e o anacronismo está sempre presente.

Em *Aventuras na História* da editora Abril, faz-se uma tentativa de aproximar os leitores dos mais diversos temas em uma mesma publicação. Percorre-se um caminho que pode ir da pré-história á história do tempo presente. Apesar de se tratar de uma revista de história, a mesma também poderia se encaixar no ramo das variedades - que surgem, segundo Tania de Luca, especialmente no século XX - já que aborda seus temas nesse sentido. Utilizarei as publicações que vão de junho de 2010 a dezembro de 2013. Esse período foi escolhido por se tratar das ultimas publicações e por ser o período em que cursei o curso de História e adquiri a revista. Num primeiro momento, farei uma breve exposição dos aspectos gerais da revista e tentarei demonstrar quais os aspectos que, de alguma forma provocaram essa pesquisa.

Um aspecto geral na *Aventuras na História*.

O interesse pelos temas históricos, principalmente na última década, pode ser pensado como uma curiosidade ou como uma busca pelas origens de nossa organização e de nossa condição de vida atual. Esse movimento se tornou mais intenso na virada do século; e, no Brasil, aconteceu mais fortemente a partir da comemoração dos 500 anos do descobrimento. Numa busca rápida na internet pode-se perceber o quanto esse período foi fértil em publicações como as dos institutos históricos do país, as principais revistas, instituições do setor educativo, como a *TV Escola*, redes de TV internacionais como a *BBC*, cinema, exposições por todo o país e diversos livros que focaram na data comemorativa para explorar a história do Brasil. Em entrevista ao blog *Educacional*¹, em 1999, Kátia Abud dizia que essa onda de comemoração mais servia à mídia e àqueles que teriam algum benefício com o “espetáculo montado” do que qualquer outro setor. As produções que naquele momento atingiam o ápice de sucesso, segundo a autora serviriam para uma reflexão do tipo de história que estava sendo produzida e as formas de utilizar esse material na sala de aula.

Nos 500 anos buscar respostas para o que foi, é e será o Brasil se tornou primordial para o projeto do governo. Assim sendo, o Estado apresentou-se como a principal lugar e agente de discussão dessa empreitada, embora disputasse com outros atores sociais o conteúdo das narrativas. Com isso, a principal tarefa era tornar a data de 22 de Abril comemorável porque esse não era e não é um hábito no país, pois nem feriado nacional está previsto, enquanto que o dia anterior, o 21 de Abril é amplamente comemorado e lembrado, dada a perenidade da Inconfidência como evento fundador desde o início do período republicano. E para dificultar ainda mais o dia da comemoração passava despercebido (e ainda passa). E, portanto, era preciso criá-la. As ações passaram pela mídia televisiva que, como a TV Globo, criou os relógios nas principais cidades do país, exibição de duas *minisséries* (*A Muralha e Caramuru: a invenção do Brasil*) pela mídia impressa como a *Folha de São Paulo* que, segundo Eneida Cunha², bem menos eufórica e mais crítica deixou de lado o aspecto meramente festivo e apresentou duas linhas de matérias jornalísticas: a cobertura e amplificação do

¹ <http://www.educacional.net/entrevistas/entrevista0009.asp> - acesso em 13 de agosto de 2014, às 17:00.

² CUNHA, Eneida. <http://www.comciencia.br/reportagens/501anos/br05.htm> (acesso em: 25/08/2014, às 15:03).

debate sobre a nacionalidade cultural e, de outro, o enfoque nos problemas sociais, políticos e culturais da nação como, por exemplo, os efeitos da discriminação racial de negros e índios e da falta de voz e vez dos primeiros habitantes do Brasil. Nesse sentido, em uma busca encontrei alguns artigos publicados nesse mesmo período onde as discussões giram em torno das comemorações, assim sendo: *500 anos de relações entre Brasil e Portugal*³; *500 anos de educação no Brasil*⁴; *E agora, cara pálida? Educação e povos indígenas, 500 anos depois*⁵; *500 anos de periferia: uma contribuição ao estudo da política internacional*⁶. *A nação cordial: uma análise dos rituais e das ideologias oficiais de “comemoração dos 500 anos do Brasil*⁷”. E a *Aventuras na História* nasce nesse contexto. Segundo Helenice Silva⁸, as comemorações nacionais trazem por trás delas a questão do tempo com o passado da História e o presente da memória. Ainda nesse sentido, o da rememoração, as lembranças se fortalecem com as narrativas coletivas que também se reforçam por comemorações públicas de acontecimentos marcantes da história coletiva. Assim, Helenice Silva utiliza-se de Paul Ricoeur para pensar não só o rememoração e a memória, mas também o papel da linguagem nesse processo. Pois, se pertencemos a grupos sociais portadores de memória é ela que acaba por ser partilhada. E, para Ricoeur, a memória é sempre de alguém que faz projeto e visa o que está por vir. Ainda segundo o autor, os abusos da memória se traduzem pela política abusiva das comemorações de datas consideradas como grandes, que pode ser caracterizada tanto por tristezas quanto por glórias. Assim, Helenice Silva nos apresenta o seguinte quadro:

“A esse propósito, as comemorações nacionais oferecem exemplos pertinentes, uma vez que elas são objeto de interesses em jogo (políticos, ideológicos, éticos, etc.). O uso perverso da seleção da memória coletiva encontra-se, portanto, nesse processo de “rememoração” social, cuja função é justamente a de impedir o próprio esquecimento. Apagam-se da lembrança as situações constrangedoras (por exemplo, nos “500 anos do

³ SARAIVA, José Flávio. 500 anos de relações entre Brasil e Portugal³. rev.bras. polit.int; 43(1);189-191,2000-06

⁴ SAVIANI, Demerval. 500 anos de educação no Brasil. rev.bras.educ.:(14);187-188,2000-08

⁵ MONTE, Nietta Lindenberg. E agora, cara pálida? Educação e povos indígenas, 500 anos depois. rev.bras.educ.:(15);118-133,2000-12

⁶ CHADE, Jamil Cezar.500 anos de periferia:uma contribuição ao estudo da política internacional.rev.bras.politi.int.;42(2);176-178, 1999-12

⁷ SILVA, Kelly Cristiane da. A nação cordial:uma análise dos rituais e das ideologias oficiais de “comemoração dos 500 anos do Brasil”. ver.bras.ci.soc.;18(51);141-160,2003-02

⁸ SILVA, Helenice Rodrigues. “Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória. Revista Brasileira de História. São Paulo,v.22,nº44,pp.425-438 2002.

Brasil”, os massacres indígenas, a escravidão negra, as violências na história), e privilegiam-se os mitos fundadores e as utopias nacionais (o “paraíso tropical” e o “país do futuro”). Ora, essa seleção da memória coletiva é comum em todas as comemorações de uma data nacional⁹.”

Esse processo de seleção de memória manifestou-se nas comemorações dos 500 anos do Brasil. O termo “descoberta” que causou discussões segundo Helenice Silva, por fazer “tábua rasa” da presença de 4 a 5 milhões de índios foi adotado. E outra questão adotada foi também o da vocação do Brasil para o futuro, e, dessa forma, o discurso comemorativo se apegou a uma visão mítica: o paraíso tropical e o país do futuro, para reforçar o imaginário coletivo e o orgulho nacional. Porém, se, as comemorações nacionais tinham por objetivo cristalizar as memórias coletivas, o 22 de abril de 2000, passou a ser uma lembrança negativa.

Essas e outras questões se apresentam nesse momento da criação da revista e no momento histórico do Brasil. Nesse contexto de exaltação da história brasileira e dos feitos de personagens importantes, a revista aparece como espaço para essa apresentação. Em suas páginas, mostram as passagens vistas como as marcantes para o Brasil.

Mas qual seria o fundamento para tamanho interesse? Por que ainda se voltar á história no século XXI? Essas são algumas perguntas que procurarei pensar através das publicações da *Aventuras na História* da editora Abril. Pensar essa publicação me parece importante pelo fato de ela ter surgido nesse momento de efervescência nas produções históricas, por ser uma revista de circulação nacional e por ter como público alvo os estudantes e interessados em geral. O surgimento dessa forma de publicação acontece devido ao fato de uma cultura da memória contemporânea com uma luta contra o esquecimento e a aceleração do tempo.

No sentido da luta contra o esquecimento Hyussen pondera:

“É o medo do esquecimento que dispara o desejo de lembrar ou é, talvez, o contrário? É possível que o excesso de memória nessa cultura saturada de mídia crie tal sobrecarga

⁹ Idem, p. 432.

que o próprio sistema de memórias fique em perigo constante de implosão, disparando, portanto, o medo do esquecimento?¹⁰».

Ainda segundo o autor seria muito fácil atribuir o dilema em que vivemos a maquinações da indústria da cultura e às novas formas de mídia. Algo mais estaria em jogo, algo que produza a vontade de privilegiar o passado e que nos faz responder de forma tão favorável à mercantilização do passado que corresponde a uma pluralização das memórias.

Segundo os editores, em 2002, as duas capas mais vendidas da *Superinteressante* foram as de tema histórico. Daí surgiu a ideia de produzir um caderno especial para a revista. Dessa forma, *Aventuras na História* nasceu como uma edição especial. Foi distribuído entre os assinantes e, nas bancas, o caderno vendeu 30 mil exemplares, tornando-se assim, uma revista independente. A publicação de primeiro aniversário em Agosto de 2004 com a capa sobre Getúlio Vargas (50 anos de falecimento) ganhou o prêmio Esso de Jornalismo, a mais importante do setor. A linha editorial da revista deixa bem claro que seguem as aspirações e planos de Roberto Civita¹¹, o comprometimento com o leitor e a busca pela constante atualização e modernização da revista. Victor Civita dizia que a Editora Abril é uma empresa de comunicação e lazer. Em meados dos anos 70 a editora era a maior da América Latina. Nos anos 90 a empresa resolveu investir nos ramos da internet e da televisão, mas as revistas ainda eram o carro chefe. Assim, segundo Mateus Pereira:

“As iniciativas da Abril Cultural tinham como objetivo, dentre outros, levar a cultura “dominante” para as casas dos “dominados” e/ou “emergentes”. Tratava-se, dentro de uma perspectiva iluminista, de divulgar e vender a cultura como um patrimônio”.¹²

O atendimento aos apelos do público e o caráter pedagógico da editora e suas publicações ficam evidentes na edição comemorativa de dez anos de revista. Nela, o editorial afirmava:

¹⁰ HUYSSSEN, Andreas. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.P.19.

¹¹ Filho de Victor Civita, o fundador do Grupo Abril. Foi Presidente do conselho de Administração e diretor editorial do Grupo Abril até sua morte em 26 de Maio de 2013.

¹² PEREIRA, Mateus Henrique Faria. *A Máquina da memória. O tempo presente entre a história e o jornalismo*. EDUSC, Bauru – SP, 2009. Pg.51.

“Chegamos ao décimo aniversário e temos muito que comemorar. Somos a primeira e a maior revista de História do país”. [...] “Para celebrarmos os primeiros dez anos, também trocamos de roupa. A revista tem agora um novo padrão visual, mais moderno e elegante, e ganhou novas seções, como Arqueologia do futuro, Retrotech, e O Que É Isto? Mas as mudanças não pararam por aí: dobramos o tamanho de História Hoje, as páginas destinadas às notícias de atualidade, com mais espaço para descobertas arqueológicas e novas pesquisas¹³”.

Com esse trecho podemos perceber que o editorial tem consciência da amplitude da revista e de mercado e que se considera a primeira a elaborar uma revista com essas características. Admitindo haver outras publicações, porém, voltadas ao mesmo público não especializado, quando lembrava ser a “primeira” e a “maior”. Lembrado que contamos com outras publicações similares como: *Nossa História*, *Revista de História da Biblioteca Nacional*, *História Viva*.

A preocupação com a constante mudança de “visual” para acompanhar de perto as mudanças do mundo da informação e da tecnologia também está presente no discurso. As constantes referências aos avanços nas pesquisas históricas e arqueológicas demonstram como a produção da revista se coloca como um espaço para as novidades e com isso quer acompanhar não só a mudança do campo histórico, mas também a mudança na vida das pessoas e em sua relação com o tempo.

A revista mudou sua comunidade do Orkut para o Facebook e retirou da revista impressa as cartas de leitores, deixando-as disponíveis apenas na versão digital. Na comemoração dos 10 anos, as cartas são transferidas para a versão digital, hoje figuram apenas no Facebook. Na página, há atualizações diárias com um assunto diferente para cada dia. As cartas de leitor merecem uma atenção especial, pois podem ajudar a vislumbrar o público que consome esse produto. Mas como nem todos são identificados por profissão ou lugar de fala não há como realizar um perfil de público estatisticamente confiável. Na análise realizada, contudo, podem-se identificar algumas ocorrências entre os leitores: arqueólogo que escreve para realizar uma correção de dados, professores que dizem utilizar as matérias em sala de aula, mães que procuram ajudar os filhos nos estudos. Um comentário que chama a atenção é a de uma leitora que não identifica sua profissão, porém diz gostar da revista por sua forma prática de escrita, segundo a mesma

¹³ Aventuras na História, Editorial da edição de Agosto de 2013 – edição comemorativa dos 10 anos.

isso facilita devido á falta de tempo no dia a dia. Há também cartas de diversos estudantes. Estes solicitam indicações de games, de locais para conhecer e também de matérias sobre períodos históricos que causam imensa curiosidade por sua aura misteriosa como achados arqueológicos e principalmente a Idade Média, tema da maioria dos games e séries que hoje são sucesso. Eucídio Arruda¹⁴ considera os *games* como uma ferramenta importante para compreensão do papel social das mídias. Segundo o autor, as tecnologias devem ser pensadas como promotoras de entretenimento e formadores de conceitos e culturas, construindo relações de saber entre aqueles que compartilham. Esse aprendizado ultrapassa, portanto, o espaço sistematizado da escola, mas não pode ser o centro da formação, pois trazem visões de mundo que “não priorizam a emancipação e a dimensão crítica da formação escolar”. O que deve ser pensado, não é a presença dessas tecnologias, mas a audiência que possui. Esses jovens jogadores de *games* não apenas jogam, mas precisam compreender o enredo desses jogos, construir estratégias e por que não aprender sobre o tema ali presente. Nesse sentido, Arruda vê os jogos como potencializadores da aprendizagem na medida em que exigem habilidades específicas (raciocínio lógico, capacidade de intervenção, habilidade motora, tomada de decisões, relacionamento com demais jogadores, capacidade de discutir e elaborar análises e críticas sobre si e sobre o outro jogador).

Após a publicação o leitor elabora a partir de seus valores, dessa forma já não há como “controlar”, mas ao mesmo tempo sabemos que a mesma é direcionada a esse público leitor. Outra questão importante a ser pensada sobre o papel da revista é que ela possui um link na pagina do *Guia do Estudante*, demonstrando claramente seu publico alvo e sua real pretensão como meio de informação. Os pequenos textos informativos e demandando agilidade, por isso a opção por textos curtos que agradem e facilite a leitura. Em tempos de informações em excesso e da internet com um apelo irrecusável, a publicação física tem que se adequar. As imagens que complementam e também “falam” são as senhas para a representação e entendimento desse leitor.

Na parte inicial de cada edição encontramos o sumário, que muitas vezes vem também ilustrado e com alguns comentários, algo interessante nos anos de 2010 e 2011,

¹⁴ ARRUDA, Eucídio Pimenta. Ensino e aprendizagem na sociedade do entretenimento: desafios para a formação docente. Educação (Porto Alegre, impresso),v.36,nº2,p.232-239,maio/ago.2013

são comentários de pessoas comuns ou de grandes personalidades sobre esses acontecimentos elencados nos calendários. São trechos onde as pessoas dizem lembrar-se do impacto de tais eventos e de como isso foi importante, trágico, engraçado em sua experiência.

Além desse calendário comentado, o editorial assinado pela direção da revista sempre traz uma previa do principal assunto abordado na publicação daquele mês, que no período (2010-2013) alterna-se entre dois diretores: Patrícia Hargreaves (também editora de Mundo Estranho), Alexandre Versignassi (que passou maior parte da vida profissional na Superinteressante), e hoje a direção é novamente de Patrícia Hargreaves. Isso também nos dá outra possibilidade de análise. Se esses editores estão habituados a trabalhar em revistas de variedades, nada mais normal que trazer as estratégias e a organização também para a *Aventuras na História*. É isso que se pode perceber, principalmente nos anos de 2010 e 2011, quando a revista investe fortemente nessas características de almanaque, com eventos super conhecidos e também naqueles que surgem como algo pouco lembrado e, portanto, curioso.

PORTÕES ABERTOS
No Rio de Janeiro

16
1950

Foi numa sexta-feira, de tempo bom, que a seleção paulista enfrentou a carioca na partida de estreia do Maracanã. Após a solenidade oficial de inauguração, dirigida pelo presidente marechal Eurico Gaspar Dutra, os portões foram abertos para receber o público, que acompanhou a vitória dos paulistas por 3 x 1. O objetivo do empreendimento era sediar a Copa do Mundo de 1950.

EU ME LEMBRO
“Joguei a partida inaugural do Maracanã pelo time paulista. Estava nos primeiros anos da minha carreira e fiquei admirado com a grandeza do estádio carioca. As arquibancadas ficaram lotadas e, mesmo jogando contra o time da casa, não nos sentimos tão pressionados. Na verdade, estávamos assustados com o porte do estádio.”
Djalma Santos, ex-jogador campeão das Copas de 1958 e 1962.



Sítio: almanaque.folha.uol.com.br/esporte_17jun1950.htm
Reportagem do jornal *Folha da Tarde*, veículo extinto do grupo Folha de S.Paulo, sobre a partida inaugural.

ADEUS À PIMENTINHA
No Brasil

19
1982

A cantora **Ellis Regina** morre aos 36 anos, depois de ingerir uma dose letal de bebida alcoólica e cocaína. Sua morte abala o Brasil e atrai uma multidão de pessoas, que desejam se despedir da artista.



EU ME LEMBRO
“Estava de férias na casa de primas em São Paulo e, quando chegamos à av. Brigadeiro Luís Antônio, ficamos perplexas diante do aglomerado de gente. Decidimos que ficaríamos na fila do velório. Quando passamos pelo caixão, orei silenciosamente.”
Ana Maris Ribeiro, professora (RJ).



Livro: *Furacão Ellis*, Regina Echeverria, 2007.
A mais recente biografia de um dos grandes nomes da música brasileira.

(Imagem 1: Calendário Junho de 2010./ Imagem 2: Calendário Janeiro de 2011.)

BEBÊ DE PROVETA

Em Oldham, Inglaterra

dia
25
 1978

Nasce a britânica **Louise Brown**, a primeira pessoa a vir ao mundo de uma fertilização *in vitro*. O ginecologista Patrick Steptoe e o fisiologista Robert Edwards foram os pioneiros da técnica. O nascimento causa uma grande polêmica pelo mundo.





EU ME LEMBRO
 “Tinha uma filha de 1 ano na época, e a história me marcou. Estávamos curiosos para saber se ela seria uma criança normal. Algumas pessoas acreditavam que ela era uma aberração e não sobreviveria.”
Luci da Silva Bunn, São José, SC.

site: www.time.com/time/magazine/article/0,9171,948239,00.html
 Página traz reportagem sobre o nascimento publicada à época.

A PLEBEIA E O PRÍNCIPE

Em Londres

dia
29
 1981

A jovem **Diana Spencer** casa-se com o herdeiro da coroa inglesa **Charles** na Catedral de São Paulo, em Londres. A cerimônia foi digna de um conto de fadas e transmitida pela televisão para cerca de 750 milhões de espectadores em todo o mundo. Após 300 anos, Diana é a primeira inglesa a se casar com um herdeiro do trono de Gales, sucedendo a *lady Anne Hyde*, que desposou o futuro rei James II.





EU ME LEMBRO
 “Era uma criança quando o casamento aconteceu. Todos pareciam acreditar que era possível um conto de fadas existir e eu nem considerei a possibilidade de não dar certo.”
Nara Wedeckin, professora de teatro.

site: www.princess-diana.com/diana/marriage.htm
 Página criada em homenagem a Diana traz detalhes sobre o dia do casamento.

(Calendário julho de 2010.)

A partir de 2012, o calendário ilustrado segue como um dos principais pontos de abordagem de temas gerais. Qualquer assunto é retratado. Percorre-se toda a história da humanidade, desde os primórdios até os mais recentes fatos. Mas são apenas os fatos, as datas, imagens ou ilustrações e alguns dados relevantes. Nesse aspecto, não há aprofundamento de nenhum dos assuntos apresentados e também muda constantemente sua programação gráfica conforme pode ser notado nas imagens a seguir:



(No calendário de agosto de 2013, a imagem dos Garotos de Liverpool em versão definitiva. No calendário de julho de 2013 aparecem as imagens da batalha de Wagram, na Áustria, a maior das guerras napoleônicas – pintado por Horace Vernet; a basílica de São Basílio, igreja ortodoxa em Moscou.)

Seguindo as seções da revista, algumas das matérias com conteúdo de variedades são abordadas em pequenas notas e imagens, como uma espécie de informativo rápido. Assuntos variados dentro de uma mesma publicação. Estão distribuídos em história do tempo presente, arqueologia, almanaque, fac-símile, história ilustrada, reportagens (capa), cultura e exploração de fotos ou ilustrações. Mary Del Priori assina desde Novembro de 2011 a seção de *Histórias Íntimas*, sempre com foco no comportamento social e sexual dos indivíduos nos últimos séculos. Aborda prioritariamente as práticas dos personagens históricos mais famosos, sobretudo da história do Brasil.

As imagens de algum acontecimento determinado ou momento histórico são exploradas na última página, que variam entre jornais e revistas e também fotos sempre com foco no estranhamento (objetos que já não são utilizados), na comoção (com eventos de tragédias ou de momentos de comemoração), na beleza e significação (imagens que entraram para a história por sua notoriedade).



(A primeira imagem, da edição de Dezembro de 2012, retrata a estreia do 3D em cores, os trajés são de gala e os óculos de papel, uma tentativa de recuperar o público depois da TV; na segunda imagem, da edição de Agosto de 2012, há um jornal da véspera do golpe de 1964. Já na última imagem, da edição de Janeiro de 2011, trata de um documento onde o consulado brasileiro alertava os EUA sobre a conta de Hitler na Suíça.)

Do ponto de vista da imaginação histórica, uma ilustração integrada ao texto delimita e estimula a composição de uma imagem mental sobre um período. Age como um fator que aguça a sensibilidade do leitor. Se em alguns momentos as imagens se justificam por seus fins comemorativos, em outros, os ilustradores buscam construir as possibilidades ali presentes. Nesse emprego das imagens, uma seção importante na revista é *Arte & História* que traz obras de arte com todos os seus detalhes, com análises e curiosidades.



(O nascimento de Vênus - Edição de Agosto de 2013. Pg.16-17.)

A revista também dedica uma parte aos lançamentos. Livros, filmes, séries e até mesmo vídeo games são contemplados. Trazem um breve comentário ou trecho, funcionando como divulgação, aguçando a curiosidade pelo produto. A arquitetura é constantemente abordada, com plantas abertas e em planos para explorar o interior de construções grandiosas (templos, castelos, palácios, torres, etc.). Também há grande utilização de infográficos.

Nota-se que a política tem espaço garantido. Diversas matérias abordam as guerras, as táticas de governos de todo o mundo e principalmente a brasileira, em todos os períodos. Porém, o período Imperial foi o mais contemplado no período de publicação trabalhado. São raras as matérias sobre a história mais recente do Brasil. Talvez pela própria dificuldade de lidar com a história do tempo presente. A seção *História Hoje*, que apesar de seu nome não trabalha exclusivamente com a história atual, geralmente trás matérias sobre o que a arqueologia tem conseguido descobrir sobre diversos assuntos, como os vikings, os maias, a Guerra Púnica, os parasitas nas Cruzadas e a escravidão no mundo atual. Essa seção desperta interesse justamente por sua denominação, talvez a intenção seja mostrar como a história trabalha com suas possibilidades no mundo atual. Mostrar esse trabalho é também validar a importância do campo, reforçando ainda mais a razão de ser da revista e sua forma de abordar os assuntos. Nessas matérias, os temas abordados tem relação com a vida nos dias atuais, sejam eles *games* do século passado que agora figuram em museus, sejam descobertas

que mudam ou acrescentam à situações conhecidas a algum tempo, sejam relatos de comportamento humano que nos levaram à gradativa “evolução” da espécie.

O projeto gráfico sofreu diversas modificações durante o período aqui tratado. Foram criadas novas seções na comemoração dos 10 anos da primeira publicação, como *Almanaque Arte & História*, (abordando obras de arte famosas com explicações iconográficas ou noticiando ações de iconoclastia ou vandalismo contra as mesmas);, *Almanaque Lista*, que (trás listagens de diversos assuntos, como, os 10 maiores vigaristas, exploradores, maiores personalidades históricas, etc);, *Almanaque Retrotech*, tematizando invenções do passado que podem ser vistas como protótipos das tecnologias atuais, (como um autômato ou um televisor);, *Almanaque Bandeiras & Brasões*, (com explicações sobre a origem das bandeiras e de brasões, com suas histórias).

A revista, que é publicada mensalmente, conta com 66 páginas (raramente varia de tamanho), a matéria de capa varia entre 8 e 10 páginas, sendo que algumas vezes traz mais uma página após a matéria (*POST-SCRIPTUM*) com a análise de um especialista que pode ser um historiador, um sociólogo ou um filósofo dependendo do assunto e do prisma em que foi abordado. O *Calendário* conta com 02 páginas; as *Atualidades* de 01 a 02; *Personagens* 04 a 05; *Terra Brasilis* 06. Já as demais seções variam de nome, de tamanho, mas em geral não passam de 03 páginas. Lembrando que as propagandas também ocupam não só as contra capas e a última página, mas também os espaços entre as matérias.

No decorrer desses quatro anos, a revista ficou mais colorida e passou a dedicar mais atenção às imagens. No projeto gráfico atual, quando as matérias trazem ilustrações são empregadas menos intervenções gráficas. Por isso, o aspecto está mais “limpo”. Essa discussão foi travada durante os meses de Novembro e Dezembro de 2010 por duas cartas de leitores:

Fotos e ilustrações

Sou apaixonado por História. Acredito que um bom texto é engrandecido com boas imagens. As folhas da revista seriam muito mais ricas se, em vez de desenhos, fossem ilustrações com fotos reais¹⁵.

Sílvio Cesar Masquietto – Barra das Garças, MT.

¹⁵ Edição de Novembro de 2010.

Esse comentário foi publicado, mas não foi respondido diretamente pela edição da revista. Enquanto isso, no mês seguinte houve a publicação do seguinte comentário:

Ilustrações

Não posso fazer coro ao leitor Sílvio César Masquietto (Cartas dos Leitores, novembro). Se a revista usar só fotos, vamos ficar restritos aos últimos 200 anos! As ilustrações estão ótimas¹⁶.

Luiz José dos Santos Júnior – São Paulo, SP.

Pode-se notar que o excesso de ilustrações (criadas para a edição) incomoda alguns leitores e é claro que elas podem e devem fazer parte da revista, já que a fotografia não existe desde sempre. O projeto gráfico deve ter um cuidado especial com as mesmas, para que não crie e reforce estereótipos ou que interfira demasiadamente em fotos como ocorre em algumas edições, deixando pouco para a exploração imagética realizada pelo leitor. Uma prática comum é a edição de imagens, alterações, como cortes junções de imagens de diferentes contextos. Os créditos dessas imagens aparecem como arquivo pessoal, divulgação ou especificamente a fonte. Quanto às ilustrações, sempre há créditos para os ilustradores.

Os autores das matérias são na grande maioria jornalistas do próprio grupo Abril, sobretudo da *Superinteressante*. Os historiadores identificados são: Mary Del Priori, Maria Aparecida de Aquino, André L. Barroso, Cláudio Umpierre Carlan, Samira Adel Osman, Priscila F. Perazzo, Stephen D. Snobelen, Maria Thereza David João, o assessor histórico do *The History Channel* Carlos De Nápoli. Além disso, há outros profissionais que contribuem para a revista: o Antropólogo Roberto Da Matta, os escritores Moacir Scliar e Laurentino Gomes, arquiteto e urbanista Diego Inglez de Souza, o advogado Salem Hikmat Nasser são alguns exemplos.

As referências à historiografia acontecem principalmente nas matérias de capa. Na grande maioria são citados os trabalhos de historiadores estrangeiros. No fim das matérias mais elaboradas (Capa, Terra Brasilis, Grandes Momentos) há sempre a indicação de livros, filmes e outras fontes para pesquisa. Nessas indicações encontramos nomes como dos historiadores: Maria Luiza Tucci Carneiro, Jacques Le Goff, Giuseppe

¹⁶ Edição de Dezembro de 2010.

Maria Sesti, Eugênio Vargas Garcia, Leandro Karnal, John Pollard, Antônio Pedro Tota, Ronald Lewcock, Albert Hourani, Leandro Tocantins, Anthony Barrett, Fábio Faversani, Carlos Fico, Pedro Paulo Funari, Jorge Couto, Paul Lemerle, Nicolau Sevcenko, Lilia Moritz Schwarcz, Francisco Cabral Alambert Jr., Kenneth Maxwell, Marco Antônio Villa, Lincoln Ferreira Secco, João Pereira Coutinho, Leandro Narloch, Michel Foucault, Jacob Gorender, Boris Kossoy, Boris Fausto, Ibn Al - Kalbi, Nelson Werneck Sodré, Laura de Melo e Souza, Luis Felipe de Alencastro.

As propagandas são de escolas particulares, cursinhos pré-vestibulares, bancos e suas ofertas a estudantes, cursos de línguas, programas educativos e ações promotoras de melhoria e discussão sobre educação e meio ambiente e faculdades particulares. Além é claro das produções da própria editora Abril. E isso evidencia seu público alvo e qual o projeto editorial da mesma.

No levantamento do banco de dados foi possível verificar os principais assuntos que são tratados entre junho de 2010 e dezembro de 2013, num total de 43 edições:

- Capas com temas relacionados ao Brasil – 11, sendo que duas delas tratam praticamente do mesmo assunto (o fato de que há evidências de que não foram os europeus os primeiros a chegar à América). Porém, todas as edições trazem matérias sobre a história do Brasil.
- Capas com temas relacionados ao Nazismo – 5. Matérias sobre o tema: 11, se colocando ao lado da História do Brasil como temas mais abordados.
- Capas com personagens históricos – 15, sendo Jesus o detentor de duas delas.
- Capas sobre religião: Igreja Católica - 4. Islã/Jerusalém -1 cada. Israel - 2. Mitologia Grega - 1. Fim do mundo - 2.
- Outros temas de capa mais relevantes: Máfia no mundo, Mistérios da Arqueologia, Ku Klux Klan, Templários, Espártaco, Kamikazes.

As matérias no interior da revista possuem temas variados e a edição de um número não segue uma linha cronológica. O que pode ser notado é que os temas em voga no momento da publicação influenciam algumas edições, principalmente os livros lançados por jornalistas como Leandro Narloch (*Guia Politicamente Incorreto da América Latina*) e Laurentino Gomes (1808 1822 e 1889). Aniversários de morte, ou as comemorações mensais como, por exemplo, as matérias sobre Jesus no mês de dezembro que ocorrem em 2011 e 2012. Porém em momentos como feriados nacionais não há uma tendência de tratar desses assuntos.

As matérias que mais aparecem na revista são as de História do Brasil e sobre o Nazismo. Mas por que justamente tais temas? Quanto á História do Brasil parece ser óbvio devido ao fato de ser uma revista brasileira e nada mais normal do que abordar os aspectos da própria História. Mas e o nazismo?



Talvez ele exerça um fascínio sobre os leitores não só pelo horror desse evento, mas também pela intensa divulgação e discussão do tema em diversos meios de comunicação e pelo choque que geralmente causa nos estudantes quando se aprofundam nos pormenores. Mas talvez também se possa pensar na questão da moral. Se algo assim ocorreu na história da humanidade, há que se lembrar diversas e repetidas vezes para que todos tenham conhecimento e nunca repita. Isto ocorre para um alívio de consciência segundo

Herman Lubbe. Para tanto, ainda segundo o autor, parece haver um consenso de que grandes crimes políticos como o Holocausto podem ser perdoados, mas jamais esquecido. É evidente que a pesquisa histórica e o jornalismo tornam cada vez mais difícil a tarefa de quem se propõe a manter no esquecimento esses crimes contra a humanidade. Segundo Sérgio da Mata¹⁷:

“Eis o paradoxo produzido pela trivialização da moral diagnosticada por Lubbe: de um lado, uma historicização compulsória do passado, um passado que deve necessariamente incluir os grandes crimes infligidos seja á própria nação, seja a outra

¹⁷ DA MATA, Sérgio. Historiografia, normatividade, orientação: sobre o substrato moral do conhecimento histórico. In: Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão. Fernando Nicolazzi, Helena Mollo e Valdei Lopes de Araújo. Editora FGV, 2012. P. 73.

nação qualquer; do outro, uma potencial confusão entre a pesquisa histórica acadêmica e a sedução do “politicamente correto”. A deformação da moral em moralismo se revela, ainda, por meio dos processos de linchamento moral, de farisaísmos de toda ordem e pelo surgimento de verdadeiros sátrapas morais”.

No texto “*Transformações da experiência do tempo e pluralização do presente*”¹⁸, Mateus Pereira e Sérgio da Mata, traçam um panorama sobre a questão do presentismo e destacam que o que é observado por alguns autores como, por exemplo, Pierre Nora, que entende que o passado atrai mais do que a História, que foi deixada de lado em nome do direito, criando uma situação de criminalização ou de vitimização generalizadas. Esse passado que não passa, trás consigo não só o horror sofrido pelos judeus, mas, a parcela alemã do trauma, já que os mesmos podem ser vistos como vítimas também. Nesse sentido, para Temístocles Cesar¹⁹, uma série de temas tem pautado a agenda dos historiadores: direito e dever de memória, o testemunho como instrumento heurístico e o sujeito moral do discurso, os limites da representação da história, além das decorrências epistemológicas para a questão da narrativa histórica.

Contudo, se pensarmos no interesse causado por determinados temas, há que se considerar que a indústria jornalística se preocupa e muito com tal aspecto. Renato Ortiz²⁰ nos apresenta tal depoimento:

“Temos combatido a ideia de que o jornalismo tem uma missão a cumprir, no sentido mais político-partidário ou romântico, meio místico, que existe em torno disso: a missão da imprensa. A gente procura ver a imprensa como um serviço público prestado por particulares, daí a gente estar sempre procurando saber onde está o interesse do leitor e vamos satisfazer esse interesse – porque a gente quer fazer um jornalismo mais exato, mais agudo, mais agressivo, a gente quer vender mais jornal, subir sua circulação”.

Parece evidente tal preocupação, mas por se tratar de um material histórico há também que se ter cuidado com a forma dada a esse texto e às relativizações do tipo:

¹⁸ MATA, Sergio da & PEREIRA, Mateus. Introdução: transformações da experiência do tempo e pluralização do presente. In: VARELLA, Flavia (org.)...[et al.] *Tempo presente e usos do passado*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

¹⁹ CEZAR, Temístocles. Tempo presente e usos do passado. In: VARELLA, Flavia (org.)...[et al.] *Tempo presente e usos do passado*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

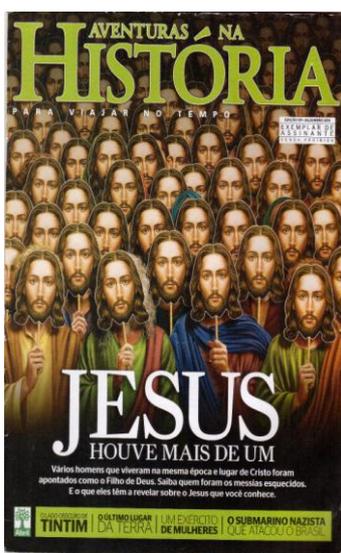
²⁰ ORTIZ, Renato. O mercado de bens simbólicos. In: *A Moderna Tradição Brasileira*. 3ª edição. São Paulo. Editora Brasiliense, 1991. P.140-141.

Como seria se um fato ocorrido não o tivesse sido ou fosse de forma diferente? Nesse sentido, são essas algumas das questões que pretendo tratar nos próximos capítulos. Sendo um primeiro sobre as matérias de conteúdo em História Geral sobre as matérias que mais aparecem nas revistas e outros diversos temas tratando de sua abordagem e observando se as publicações seguem as questões históricas. E, num segundo capítulo como a História do Brasil é retratada nas publicações.

A História Geral na *Aventuras na História*.

Seguindo a análise de *Aventuras na História*, a história do mundo e seus personagens também tem grande espaço nas publicações. Assim, contamos com 34 capas que não envolvem algum aspecto da história do Brasil. Além disso, todas as revistas trazem alguma matéria da história mundial. O tema mais abordado durante o levantamento das matérias é o Nazismo como já foi tratado no primeiro capítulo. Sendo 5 capas e mais 11 matérias.

Porém, as capas com personalidades e personagens históricos somam 15. Nessas matérias de capa é retratada a vida, a obra, os amores, os problemas desse personagem. Muitos deles controversos, como Jesus que tem duas capas e aparece no mês de dezembro de 2011 onde há a afirmação de que houve mais de um dele. E dezembro 2012 que aborda as teorias, as lendas e os 26 anos em que sua vida não é retratada na



Bíblia. O mês de publicação também nos dá ideia de que as comemorações influenciam nas escolhas das matérias. Outro personagem que é retratado em capa e conta com uma matéria extensa sobre sua vida é Mandela. A publicação se dá em junho de 2010, antes de seu falecimento e às vésperas da Copa do Mundo na África do Sul. O subtítulo traz a seguinte sentença: “O lado polêmico e desconhecido do ex-guerrilheiro que virou pacifista e mudou o destino da África do Sul”, dando a real dimensão do texto que foi publicado.

Outro tema abordado com certa frequência é o da Igreja Católica e seus escândalos e controvérsias. O tema aparece nas publicações de agosto de 2010 que traz a questão do *celibato e os escândalos e tabus*, novembro de 2010 onde trata da *Inquisição no Brasil*, maio de 2011 que traz a matéria sobre o dinheiro do Vaticano e as

denúncias de irregularidades, período em que Bento XVI enfrentou problemas com o banco do Vaticano e denúncias de pedofilia. Em abril de 2013 que trata das *crises da Igreja: sexo, poder, corrupção e cismas*, a capa vem no mês seguinte da abdicação de Bento XVI e consequente escolha do novo Papa. Observa-se que, apesar de aleatórias, indicam momentos de discussão, sempre com o foco nos problemas e nos escândalos.

Em outras capas contamos com os títulos: Alexandre O Grande – *“Conquistador, temperamental, casamenteiro e bissexual. As verdades e as mentiras*



sobre o maior guerreiro da História antiga”, de fevereiro de 2011; Cleópatra – *“Estrategista, carismática e workaholic. As desconhecidas armas de sedução da mulher mais poderosa da Antiguidade”*, de abril de 2011; Calígula – *“Louco, sádico e injustiçado. Retratá-lo como um péssimo imperador pode ter sido uma das maiores conspirações da história. Conheça o Calígula que Roma quis esconder. E conseguiu”*, junho de 2011; Nero *“O Psicopata adorado”*, janeiro de 2012; Stalin contra-ataca – *“O ditador nunca foi tão adorado: por que o homem que exterminou 20 milhões de soviéticos volta a ser venerado, 60 anos depois de morto”*.

Março de 2013.

A mais interessante entre essas capas de personagens é a de Agosto de 2013 que vem com as *“10 pessoas que mudaram o mundo. E o que seria da humanidade sem elas”*. Nessa capa contamos com Albert Einstein, Jesus Cristo, Karl Marx, Abraham Lincoln, Adolf Hitler, Vladimir Lênin, Sigmund Freud, Mao Tsé-tung, Josef Stalin e Charles Darwin. Porém, como chegar a esses nomes? Segundo o editorial, que comemora seus dez anos de publicação, esses nomes foram escolhidos através de uma votação entre leitores nas redes sociais, por escritores, jornalistas e historiadores. Dentre eles, os mais votados foram: Jesus Cristo, Albert Einstein e Adolf Hitler.



Outro ponto interessante a ser pensado é que entre os nomes indicados aparecem pouquíssimas mulheres, encontra-se: Simone de Beauvoir, Virgínia Woolf e Mary Wollstonecraft. Também não há nenhum brasileiro escolhido, mas foi indicado: José Bonifácio. Dessa forma, esses personagens escolhidos são retratados pelos principais feitos de suas vidas e, claro, as contribuições para o mundo. E assim, dizem:

“A lista, não custa ressaltar, não trata dos ‘dez heróis’ ou das ‘dez pessoas que ajudaram a fazer deste um mundo melhor’. Genocidas como Josef Stalin, Mao Tsé-tung e Adolf Hitler, tiveram contribuições ao planeta, mesmo sem ter intenção. Nosso mundo também é fruto do que tenta evitar – e do esforço para que tragédias não se repitam”²¹.

É interessante notar que os editores escrevem uma coluna dentro das matérias tentando imaginar como a história da humanidade seria sem esses grandes homens. Como por exemplo, sem Jesus Cristo:

“Sem Jesus Cristo e o cristianismo, não haveria uma igreja unificada e forte para preservar o pensamento e conhecimento da Antiguidade durante a Idade Média, nem para avalizar autoridade e imperadores como Carlos Magno (742-814), que começou a impor ordem à Europa. O mundo ‘ocidental’ seria mais voltado ao Oriente, no que restou do Império Romano, da Grécia ao Norte da África. Sem cristãos não haveria o Islã. Maomé derivou um conteúdo considerável de sua doutrina do cristianismo. Jesus era um dos profetas maiores. Em uma Europa bárbara não haveria Renascença, Grandes

²¹ Edição de Agosto de 2013. Pg.28

Navegações ou Revolução Industrial. Talvez outra civilização fosse dominante, como os persas ou indianos. A tecnologia estaria alguns séculos atrasada²²”.

Essa forma de abordagem, muito presente nas revistas de variedade da Editora Abril aparece aqui nitidamente. Seria possível pensar o mundo sem personagens tão icônicos? Talvez. Mas a forma simples e relativamente direta em que essas informações são apresentadas deixa de lado toda a complexidade que tal operação exige. Mas é claro que eles não estão preocupados com isso e sim em dar um panorama para o leitor e, por que não, instigá-lo à imaginação. A forma de escrita segue os padrões de revistas de celebridades. Nas publicações os personagens históricos se tornam ícones da política, da moda, e tem suas vidas exploradas para expor seus amores, escândalos, ações importantes e tantas outras facetas da história de cada um deles.

Outra tema de capa que aparece duas vezes e chama a atenção pela data de publicação são as que tratam da possibilidade do fim do mundo. Elas ocorrem em janeiro de 2011, quando trata das lendas e das inúmeras vezes que esse anúncio provocou pavor entre a população mundial. Aborda as seguintes datas: no século I ainda interpretando as palavras de Jesus no evangelho de Mateus em que muitos dos primeiros cristãos achavam que o mundo acabaria ainda naquela geração; no ano 1000 com a volta de Jesus calculada para mil anos após sua morte, com isso, centenas de fieis doaram seus bens à Igreja para garantir um lugar no céu; em 1205, quando, para o italiano Joaquim de Fiore, o anticristo já andava pela Europa; no século XIV, a peste foi vista como o prenúncio do fim e seitas apocalípticas cresceram em número; já em 1669, na Rússia os cristãos ortodoxos se convenceram de que o anticristo estava à solta. Cerca de 20 mil pessoas se suicidaram por medo de enfrentá-lo; e 22 de outubro de 1844, quando William Miller, o pai do movimento adventista, previu que Jesus retornaria nessa data. Milhares de pessoas abandonaram tudo para aguardar esse momento. Mas ainda a data que espera para ser testada é a de 3797 que Nostradamus prevê uma batalha entre o norte e o leste, que alguns leem como EUA contra algum país do Oriente Médio. E ainda a vinda de três anticristos que seriam Napoleão, Hitler e outro que ainda está por vir. A outra capa sobre o tema ocorre em Novembro de 2012, às vésperas da tão falada data Maia para o apocalipse. Essa edição traz todos os detalhes sobre a profecia e análise de especialistas onde tiram dúvidas e mostram que na verdade que para os Maias não seria o fim, mas sim o início de um novo ciclo.

²² Idem

Uma capa que dá a dimensão de que assuntos atuais dão o tom das publicações está em Setembro de 2011, com o título “*Guerra dos Tronos. Os conflitos reais que inspiraram a saga do maior Best-seller do ano. E a verdade sobre a Idade Média: uma época mais próspera (e sangrenta) do que se imaginava*”.

Na matéria, além de situar o leitor sobre o período histórico, com as praticas, as disputas, as famílias, traz também hierarquia e os reais motivos da guerra. Assim, a edição nos diz:

“Humanistas como o poeta Francesco Petrarca enxergava o intervalo entre os séculos 5 e 14 como um buraco negro entre a Antiguidade racionalista, dos gregos e romanos, e seu próprio tempo, precursor do Renascimento. No século 19, houve uma troca de sinais no exagero: o medieval passou a ser encarado como uma era de ouro pelos artistas do

romantismo, cheia de homens honrados e valores nobres. Ivanóé (1819), de Walter Scott, é um clássico dessa tendência. Outro que botou as lendas medievais nas alturas foi o compositor Richard Wagner, que inspirou a trilogia O Senhor dos Anéis, de J.R.R. Tolkien. As Crônicas de Gelo e Fogo fazem parte dessa tradição de fantasia medieval, na qual cabem jogos de videogame e o RPG Dungeons 7 Dragons. No balanço de trevas e luz, o certo é que a Idade Média nos legou modos de vestir, as universidades, as línguas da Europa e a divisão política do continente. “Apesar dos pesares, foi um período muito rico”, diz Paul E. Szarmach. “Lentamente, o mundo ocidental caminhou para o formato que tem hoje²³”.”



E para encerrar a matéria indicam o livro, *Uma longa Idade Média* de Jacques Le Goff, que também é usado como base para as discussões realizadas durante a matéria. Demonstrando assim que a historiografia é utilizada para o embasamento e também como material indicado.

Outro personagem que é tratado de maneira semelhante é Espártaco. Capa de julho de 2013 tem o seguinte título: “*O gladiador que reuniu 60 mil escravos e desafiou o poder de Roma*”. Assim essa edição traz a historia do personagem que inspira a série “Spartacus” lançada nos Estados Unidos no ano de 2010 e agora também exibida no Brasil.

²³ Edição de Setembro de 2011. Pg.3

As matérias internas giram em torno de diversos assuntos. Os mesmos vão desde as casas reais de todo o mundo e seus escândalos, que são os pontos preferidos. Os animais e sua influencia no mundo e nas pessoas, os alimentos, suas origens e a importância de alguns deles como o pão e a batata. A ciência, a fama e as celebridades, os naufrágios, a literatura, as invenções que mudaram a vida das pessoas tanto no sentido positivo quanto no negativo. As ditaduras e seus desdobramentos, música, terrorismo, política, arte, futebol, as diversas guerras, a religião e sua imensa importância e todos os assuntos assim integrados. Como cada número não segue uma linearidade do tempo nem sequer de assunto, cada uma deles serve como uma espécie de guia rápido de leitura e informações. Podem ser lidas em pouco tempo.

Nesse sentido *Aventuras na História* disponibiliza aos seus leitores uma pesquisa dotada de diversas indicações para um aprofundamento, porém os textos trazem apenas as informações necessárias para compreender determinado assunto. Também fica claro que os termos demasiadamente anacrônicos utilizados em larga escala fazem parte dessa tentativa de aproximação com expressões atuais. Mas qual seria o limite para tal operação? A tarefa não é apresentar todas as possibilidades, mas elucidar algo que não se sabe ou que quase não se sabe. A revista aqui se apresenta como uma coletânea de assuntos que oferecem a possibilidade de sanar a busca pelo conhecimento da história da humanidade.

Dessa forma, a revista nitidamente não se preocupa com os procedimentos para a escrita da História. Aqui, a história relatada faz parte da tarefa de informar o leitor sobre os acontecimentos do mundo. O importante é a variedade desse conhecimento, o quando se pode conhecer em poucas páginas. A leitura rápida e o saber, ainda que fragmentado e mediado por tantas interferências de termos atuais que nada, ou quase nada, tem a ver com o acontecimento, produz no público a sensação de estar bem informado e por dentro das “páginas” da história.

A História do Brasil em *Aventuras na História*, como a história do país é retratada.

A história do Brasil apresentada na revista conta principalmente com os personagens e seus feitos. Como todas as edições contam com matérias sobre o Brasil

há uma diversidade de assuntos. Contudo, percebe-se uma predileção pelo período colonial e imperial. Apesar de trazer capas com Getúlio, outros presidentes e temas atuais, a grande maioria dos temas recorre aos amores do Imperador, às disputas da política, e aos costumes “diferentes” do período. Entre as matérias de capa, temos 11 com assuntos exclusivamente sobre a história do Brasil.

Em Novembro de 2010, a capa sobre a Inquisição no Brasil trás como Santo Ofício espalhou o terror entre a população com a caça as bruxas e às praticas tidas como heréticas. Porém, no Brasil, ninguém foi torturado ou queimado pela inquisição. As condenações de brasileiros ocorreram em Portugal. Assim temos os seguintes números apresentados:; investigados: 1076 pessoas; condenados à fogueira (vivos, depois de mortas ou queimadas em efígie): 29; foram 778 homens e 298 mulheres sendo que a maioria por acusações de judaísmo. Quanto aos homens 38% foram denunciados por feitiçaria e pacto com o demônio. Enquanto apenas 8% das mulheres foram enquadradas nessa situação. As demais acusações eram por bigamia e sodomia. Nesse numero é possível notar que apesar do título chamativo da capa, quando se debruça sobre a matéria tem-se a real noção de que a Inquisição no Brasil não foi nem de longe comparável a outros lugares como a metrópole ou até mesmo Goa.

Já em Dezembro de 2010 a capa trás o título: *“Muito além de 1822. O Brasil antes e depois da Independência: a violenta guerra separatista de dom Pedro I contra Portugal e como esse rompimento transformou radicalmente a vida do povo (até hoje)”*. Além de trazer as ações de dom Pedro I para a independência e para a modernização da colônia para a transformação necessária. Para explicar pontos famosos da história, o quadro de Pedro Américo é incluído sem o aspecto romântico que obra adquiriu. Destaca-se que os cavalos provavelmente se tratavam de mulas, a comitiva também era menor que a retratada e que possivelmente o Imperador estava indeciso sobre o ato e precisou de dois momentos para a frase fatídica: “Independência ou morte”. A questão problemática aqui é que a matéria se baseia no livro de Laurentino Gomes que mais de uma vez admite mesclar fatos comprovados com deduções e aspectos românticos e cômicos que se tornaram uma espécie de “lenda” sobre a história do Brasil. Apesar disso, as indicações ao fim da matéria trazem Luiz Felipe de Alencastro com *História da Vida privada no Brasil* como indicação de leitura.

Ao fim da matéria, em um Post-Scriptum, Laurentino Gomes faz suposições sobre como seria se Dom Pedro tivesse voltado para Portugal. Para ele o dia do Fico é cercado de dúvidas e poderia não ter acontecido. É importante notar que essas suposições são recorrentes na revista. Há sempre um indício de pensamento contra-factual. Mas é possível demarcar com certeza o que teria ocorrido se algo fosse diferente? As circunstâncias e os acontecimentos históricos contam com uma série de coisas que se retiradas de sua forma talvez não produzisse o mesmo efeito, ou talvez sim. E esse “talvez” é o elemento que causa incômodo, estranheza e curiosidade ao realizar a leitura da revista pois esse é o estímulo à imaginação histórica provocada.

Seguindo o caminho das capas sobre algum tema da história do Brasil, temos em março de 2011 uma matéria sobre Mengele. O médico nazista fugiu para a América Latina, morando por um tempo na Argentina e mudando-se para o Brasil no fim dos anos 1960, sofrendo um afogamento e consequente morte em São Paulo. A ossada encontra-se em poder do Instituto Médico Legal, em local não revelado para evitar peregrinações de neonazistas e a família nunca requisitou o corpo. Porém, não há consenso de que o corpo seja mesmo do Anjo da Morte (como ficou conhecido), ainda existem muitas dúvidas. A matéria de cunho jornalístico procura pensar pontos da investigação que não chegou a conclusões sobre a morte de Mengele, já que alguns pesquisadores dizem que foi uma farsa buscando fins econômicos. Nesse sentido mais uma vez a linha editorial reforça uma posição contrária ao nazismo e a todos os que de alguma forma estiveram envolvidos. Aqui, o que nota-se é a indignação pelo fato de que Mengele sequer utilizou identidade falsa e circulou livremente mesmo tendo um pedido de extradição. E claro, a maior indignação fica evidenciada pelo fato de o mesmo não ter pagado por seus crimes bárbaros e nesse sentido se adéqua às questões morais que envolvem a história.

Em agosto de 2011, a capa trás a matéria com a seguinte manchete: *“Os segredos que o Brasil quer esconder – A bomba atômica que a ditadura projetou com Saddam Hussein. Os campos de concentração de Getúlio na 2ª Guerra. A carnificina brasileira na Guerra do Paraguai. Saiba o que os documentos ultrassecretos do governo podem revelar. E muito mais”*.

O programa nuclear desenvolvido tinha dois projetos, um oficial e outro sigiloso. Entre 1979 e 1990 o Brasil exportou toneladas de urânio para Saddam. Apenas após a eleição de Collor que a parceria se encerrou. Alguns estudiosos, segundo a revista, consideram que na Guerra do Paraguai, duque de Caxias teria jogado cadáveres no Rio Paraná para contaminar a água, teria dito o seguinte:

“O general Mitre está de acordo comigo que os cadáveres coléricos devem ser jogados nas águas do rio Paraná para levar o contágio às populações ribeirinhas²⁴”.

Porém, a teoria é considerada equivocada pelos historiadores que afirmam que o documento é forjado e de autoria desconhecida. Além disso, o rio Paraná deságua no rio Paraguai e rio não sobe. Outra acusação está na morte de crianças que estavam

disfarçadas de adultos para disfarçar a fragilidade do exercito paraguaio. Assim, foram 2 mil mortos contra apenas 26 brasileiros.



Uma passagem lamentável da história brasileira é lembrada: a eliminação dos documentos da escravidão por Rui Barbosa. A versão mais aceita é a de que a intenção era evitar que o Tesouro Nacional fosse obrigado a indenizar os proprietários afetados pela Lei Áurea. Porém a manutenção desses documentos faria com que os rumos da republica pudessem ser diferente ou até mesmo que os escravos reivindicassem indenização pela escravização. E a queima anulou essa possibilidade.

Outro ponto obscuro da história brasileira está no desinteresse e posterior disputa do território do Acre. Se, por um longo período, o território não causou qualquer interesse por parte do governo brasileiro, foi a partir da exploração do látex que se tornou de grande importância para o país, que o Acre passou a ter atenção. As negociações de fronteira com a Bolívia e o Peru envolveram cerca de 2 milhões de libras e por outro lado cedeu territórios em Mato Grosso e se comprometeu em construir a estrada Madeira-Mamoré. Porém, segundo o historiador Gerson Albuquerque, da

²⁴ Edição de Agosto de 2011. Pg28.

federal do Acre, muito mais tramas podem ser encontradas na documentação que se mantêm em sigilo.

E por fim a matéria levanta a questão de possíveis campos de concentração no governo Vargas. Que segundo a publicação, Vargas seguia a cartilha nazista, mesmo após o rompimento com a Alemanha, italianos, alemães e japoneses sofreram em 31 campos espalhados pelo país. O Ministério da Justiça manteve os campos, segundo a historiadora Priscila Perazzo, em Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Joinville e Rio de Janeiro para onde eram mandados os inimigos que chegassem ao país durante a segunda Guerra ou os suspeitos de espionagem. Faziam trabalhos forçados na lavoura e dependiam de ajuda para não passar fome, também não podiam ler livros em sua língua natal. E há relatos de tortura. Cerca de 5 mil estiveram nesses locais. De toda forma, aqui aparece a indignação de alguns e o desejo de outros que os documentos sigilosos do país deveriam ser liberados para os pesquisadores. Mas o que consta nesses documentos pode causar grandes problemas para pessoas ainda vivas. E consequentemente não é vantajoso para o governo que faz diversas alianças.

As capas de fevereiro de 2012 e janeiro de 2013 tratam do mesmo assunto: não foi Cabral que chegou primeiro ao Brasil. Enquanto a primeira trata de navegadores espanhóis e portugueses, a segunda fala dos vikings. Parece ser uma preocupação constante a busca pelo início, pelo primeiro homem que passou perto do nosso continente e do nosso país. Essa busca pela origem e pela verdade é uma tônica nas publicações. Há sempre a intenção de mostrar os resultados das últimas pesquisas documentais ou arqueológicas e legítimos vestígios que antes não poderiam ser comprovados.

Em maio de 2012, a capa trata de Getúlio Vargas e, a publicação de uma biografia inédita com documentos recentemente desvendados. Iniciando pela infância, o texto percorre vários aspectos, como o porte físico mirrado, o despertar político, os amores, a formação militar e anticlerical e os dois governos na presidência. A biografia dá o tom do homem que se tornou um dos presidentes mais marcantes da história do Brasil. com muitos detalhes no texto sobre sua vida, seu governo e os problemas enfrentados.

A segunda guerra mundial é tema de capa em Agosto de 2012. O impacto da guerra no Brasil é retratado não só pelo apoio que o país deu aos EUA, mas também

pelos desdobramentos em solo brasileiro. A cidade de Natal se tornou o grande centro de circulação de soldados americanos entre 1942 e 1945, com as bases de Parnamirim e a base naval de hidroaviões. O uso de calças jeans e o de chicletes foram influencia desse contato com a cultura americana. A presença de nazistas no Rio de Janeiro com a fundação de um partido no Brasil foi desbaratado em 1938 quando Vargas proibiu os partidos políticos, inclusive os estrangeiros de manterem atividade no país. Convencer a população em lutar contra os alemães não foi uma tarefa fácil e foi mais efetiva a partir do afundamento dos navios brasileiros pelos mesmos. A matéria também trás aspectos da “batalha da borracha”, na qual Vargas enviou milhares de nordestinos para os seringais, onde a extração de borracha buscava suprir as necessidades dos aliados pela matéria prima. Foram cerca de 20 mil mortos, sendo que em campo de batalha apenas 456 foram mortos. Nessa matéria percebemos algumas influencias americanas que permaneceram e mudaram de alguma forma os costumes dos brasileiros. Mas a sensação de guerra foi reforçada pelo governo segundo os editores por blecautes, distribuição de cartilhas com os procedimentos no caso de um ataque, janelas eram acortinadas e tampadas com jornal, tudo por medo de bombardeios. Mas o envolvimento da população foi muito desinteressado, no dia da vitória não causou fervor.

O casal do cangaço foi capa da *Aventuras na História* em maio de 2013. O amor e a morte faziam parte da história. Os editores procuraram mostrar não só os crimes praticados, mas também a moda e o amor entre o casal. Com a adesão de Maria Bonita e outras 40 garotas, o bando se tornou segundo os pesquisadores (João de Souza Lima e



Isabel Lustosa), menos violento e mais organizado. Assim, Maria Bonita era vista como a “rainha” do bando e contava com mimos particulares prontamente atendidos por Lampião. Em 1938 o bando foi entregue por um dos seus que havia sido preso e todos foram mortos, alguns em um ataque com uma rajada de tiros de metralhadora e os demais por decapitação.

As cabeças posteriormente foram exibidas como troféus. Ainda segundo os especialistas consultados para a produção da matéria, o bando ajudou na desconstrução das teorias de inferioridade racial. O Brasil se industrializou e as histórias de Lampião e Maria Bonita influenciaram a música, a moda e o cinema. Mas o que parece não ter mudado é a condição do sertanejo que ainda passa por dificuldades com a seca e fome apesar de todas as melhorias e avanços do país nesse sentido (conclusão dos editores). Assim escrevem:

[...]”Até a sua morte (definitiva por topas alagoanas, em 1938, na grotta de Angico, em Sergipe, ele viveria longos 12 anos. Tempos suficiente para se apaixonar, viver e morrer ao lado da baiana Maria Gomes de Freire, a primeira mulher na história do cangaço. Quando retratados da mais tarde chamada Maria Bonita circularam pelos jornais de todo o país, o Brasil surpreendeu-se com suas velhas ideias do sertão. Numa época em que as teorias raciais eram levadas a sério e a “civilização litorânea” vivia sob ameaça das constantes revoltas das “sub-raças sertanejas”, tal como descrita pelo engenheiro Euclides da Cunha em Os Sertões, a presença feminina de uma sertaneja altiva e vaidosa vivendo em harmonia com o cangaceiro mais famoso do país chocou o Brasil²⁵. [...]

Aqui é importante notar que o casal do cangaço, apesar de serem personagens da violência do país e das dificuldades dos habitantes do sertão, tornou-se também imagem da força do povo marginalizado.

Dom Pedro II e a princesa Isabel são capa do mês de setembro de 2013. A matéria destaca a difícil relação entre o imperador e sua filha. Apesar da formação parecida com a de seu pai, havia entre eles muitos pontos de conflito, sobretudo quando



Isabel se casa com Gastão de Orléans que segundo Dom Pedro era liberal demais. A imprensa brasileira via com maus olhos a influencia que exercia sobre a esposa e enxergava um “estrangeiro que tinha os olhos grandes no império brasileiro”.

A perda do apoio dos fazendeiros, (que eram os últimos apoiadores), e com a assinatura da lei áurea, a princesa levou a monarquia ao seu período

mais popular entre a população e, segundo o Barão de Cotegipe: “Vossa alteza redimiu uma raça, mas perdeu seu trono”. Ainda segundo ele não era necessário buscar a república já que a mesma ia ao encontro deles. Para Mary Del Priore, o incentivo e desejo de que Isabel tornar-se imperatriz jamais existiu por parte de seu pai. Porém, o imperador não se via preocupado em perder o trono, o mesmo dava sinais de que a república era algo inevitável. Em seus diários escreveu:

“Nasci para consagrar-me às letras e às ciências, e, a ocupar posição política, preferiria a de presidente da República ou de ministro à de imperador²⁶”.

Dessa forma quando anunciada a república, Dom Pedro II viu a oportunidade de descansar e fazer o que realmente gostava dedicar-se à leitura, aproximando-se cada vez mais dos cientistas e intelectuais da época. Assim como Isabel, foi para o exílio sem nunca retornar ao Brasil.

Folheando a revista, pode-se notar que sem dúvidas Dom Pedro I e Dom Pedro II são os personagens preferidos da história do Brasil. Aparece diversas vezes a questão de seus amores. O apelido de Pedro I, “Demonão”, como assinava as cartas à Domitila serve de ponto de partida para diversas matérias internas que contam situações da história do país a partir das aventuras amorosas do imperador. Já Pedro II que aparentava ser mais tranquilo que o pai também não escapa de ter sua vida amorosa exposta e usada como uma espécie de revista sobre os relacionamentos dos famosos como vemos hoje nas bancas.

Nesse sentido é possível concluir que quanto ao Brasil, persiste a história episódica, inclinada aos personagens e acontecimentos de destaque. Principalmente aqueles momentos que sempre aparecem para caracterizar a história brasileira, como o descobrimento, a corte portuguesa e seus membros, os personagens políticos, a abolição da escravatura, a proclamação da república e tantos outros. Assim, permanece a adequação ao universo das curiosidades históricas que caracterizam a revista.

²⁶ Edição Setembro de 2013. Pg.36

Considerações finais

Os investimentos sociais nas tarefas de memória adquiriram grande visibilidade em nossas sociedades. E segundo Manoel Guimarães²⁷, podemos observar esse movimento não só nas iniciativas de patrimonialização e musealização, mas também nos meios de comunicação de massa. O autor nos incita a pensar a partir da aceleração do tempo, um aceno pela sedução de uma história “on line”. A revista aqui analisada se encaixa nessa situação. Porém a sedução da memória vai além da busca pelo não esquecimento e da constante rememoração.

Contudo, Hyussen²⁸ nos diz que seria muito comodismo por a culpa total e completa na indústria cultural e à proliferação das novas mídias. Para ele algo mais está em jogo, por produzir esse desejo de privilégio ao passado e que faz com que o público responda tão rapidamente e favoravelmente ao mercado de memórias. Assim, essa resposta tão rápida seria resultado de uma transformação da temporalidade na vida atual, possibilitada pelos avanços tecnológicos, pelos novos padrões de consumo e a grande mobilidade global.

O desejo por consumo de variedades também pode ser pensado nesse sentido para a revista *Aventuras na História*. Se assim não fosse, o foco não seria transformar a vida de personagens históricos numa coluna de “fofocas” ou utilizar-se de *best sellers* e romances históricos. O trabalho realizado pela editora Abril se coloca como uma tentativa de aproximação da história com o público. A sensação causada pela leitura das matérias é de que há o desejo de que o leitor sinta que grandes personagens também faziam coisas simples, equivocadas, estranhas e até mesmo bizarras. Talvez a construção de nomes dentro da história mundial reforce essa ideia de distancia, como se alguns desses não fossem pessoas “normais”. Outra hipótese é de que a curiosidade vende e nada melhor do que unir essa motivação com aprendizado. Refiro-me a aprendizado, pois não há como dizer que não ensina por mais que não concordemos

²⁷ GUIMARAES, Manoel Luiz Salgado. *O presente do passado: as artes de Clío em tempos de memória*. In: Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história. Martha Abreu, Rachel Soihet e Rebeca Gontijo (orgs.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

²⁸ HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

com a forma de produção da mesma. E ainda que a afirmação de que se aprende com a história cause discussões, Hyussen nos diz:

“Pode haver, de fato, boas razões para pensar que a força da rememoração tem igualmente uma dimensão mais benéfica e produtiva. No entanto, muito disso é o deslocamento de um medo do futuro nas nossas preocupações com a memória e, por mais dúbia que hoje pareça a afirmação de que somos capazes de aprender com a história, a cultura da memória preenche uma função importante nas transformações atuais da experiência temporal, no rastro do impacto da nova mídia na percepção e na sensibilidade humanas”²⁹.

Mas se a imediatividade de nossa sociedade se impõe, podemos dizer a partir de Hartog que cada vez mais o fardo do historiador é buscar o contemporâneo, o que não significa ceder à lógica do momento ou correr atrás da atualidade. Bem contrário do que faz um jornalista. E são os jornalistas que aqui se debruçam sobre a história tornando-a notícia. Por fim o que cabe aqui mencionar é que com métodos diferentes esses profissionais buscam na história momentos, situações e ações que merecem destaque e que de alguma forma sejam interessantes para os leitores da revista. O objetivo é que de alguma forma a história seja fonte de entretenimento e ensine (ou não) algo relevante. Não mais a “Mestra” que rege as escolhas e as decisões, mas que acrescente informação e seja interessante. Cabe também a nós historiadores pensar essa dificuldade em alcançar públicos que não sejam os pares? (Mais de uma vez os comentários da revista tratam os textos produzidos por historiadores como demasiadamente complexos para o grande público) e que quer seja em sala de aula ou em livros, palestras e entrevistas sejamos compreendidos mesmo com toda a complexidade que nossa tarefa nos lega.

²⁹ HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.P.25-26

Bibliografia:

Aventuras na História: Edições de julho de 2010 a Dezembro de 2013.

CUNHA, Eneida. <http://www.comciencia.br/reportagens/501anos/br05.htm> (acesso em: 25/08/2014, às 15:03).

DA MATA, Sérgio. Historiografia, normatividade, orientação: sobre o substrato moral do conhecimento histórico. In: *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão*. Fernando Nicolazzi, Helena Mollo e Valdei Lopes de Araújo. Editora FGV, 2012.

GUIMARAES, Manoel Luiz Salgado. *O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória*. In: *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Martha Abreu, Rachel Soihet e Rebeca Gontijo (orgs.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Em 1926: vivendo no limite do tempo*. Tradução de Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____ *Depois de “Depois de aprender com a história”, o que fazer com a história agora?*. In: *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão*. Fernando Nicolazzi, Helena Mollo e Valdei Lopes de Araújo. Editora FGV, 2012.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. *História da Imprensa no Brasil*. Editora Contexto.

_____ *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: *Fontes Históricas*. Carla Bassanezi (org). 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2006

MATA, S. e PEREIRA, M. Introdução: Transformações de experiência do tempo e pluralização do presente. In: *Tempo presente & usos do passado*. Flávia Varella (Org.) ... [ET AL.]. Rio de Janeiro: editora FGV, 2012.

NICOLAZZI, Fernando. *A História entre tempos: François Hartog e a conjuntura historiográfica e contemporânea*. História: Questões & Debates. Curitiba, nº53. Jul. Dez. 2010 -Editora UFPR

NORA, Pierre. *O retorno do fato*. In: *História: Novos Problemas*, direção de Jacques Le Goff e Pierre Nora; tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro, F. Alves. 1988.

ORTIZ, Renato. O mercado de bens simbólicos. *In: A Moderna Tradição Brasileira*. 3ª edição. São Paulo. Editora Brasiliense, 1991.

PEREIRA, Mateus Henrique Faria. *A Máquina da memória. O tempo presente entre a história e o jornalismo*. EDUSC, Bauru – SP, 2009.

VARELLA, Flavia (org.)...[et al.] *Tempo presente e usos do passado*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.